

## O discurso do Outro sobre o corpo da criança:

Marina Gonçalves Oliveira

*"É preciso absolutamente dizer a verdade às crianças, elas são espertas demais para não estar em condições de recebê-la."* (DOLTO, 1985).

Nos primórdios da constituição subjetiva é necessário, para que o sujeito se constitua como tal, que o Outro espere algo dele e o nomeie. Através da função materna, esse alguém precisa "falar" pelo bebê e supor suas vontades, desejos, ou seja, dar significado a seu choro e suas expressões.

Porém, é chegado um tempo em que aquele "sujeitinho" precisa se separar dessa mãe e dar conta de dizer de si mesmo, através então da função paterna torna-se possível uma separação entre mãe e bebê. Entretanto, a imagem inconsciente que irá se formar sobre seu corpo é feita através do discurso do Outro, ou seja, o que a criança sabe de seu corpo vem através dos significantes dados por esse Outro.

Sendo assim, a criança ao se fixar em um significante dado pelo Outro pode se deparar com a tentativa de responder a esse significante a qualquer custo, se afastando cada vez mais de seu desejo, e os efeitos desse movimento são passíveis de estenderem-se à vida adulta do sujeito.

Na clínica, ainda que de adultos, tenho escutado o infantil de cada sujeito e tornou-se possível perceber alguns exemplos de crianças objetificadas que se tornaram adultos fixados em significantes dados pelo Outro.

Trago como exemplo o caso de uma paciente que durante toda infância, adolescência e vida adulta, carrega dos pais, dos irmãos e do marido os significantes de "louca", "explosiva", "intolerante". Conta que viveu uma infância de violência física por parte do pai, que define como muito explosivo, diz que apanhava muito mais do que os irmãos porque "não aceitava nada calada" (sic) e mesmo assim não tinha voz, preterida pela mãe, só era ouvida quando gritava, cresce desafiando esse pai, até o momento em que já aos 17 anos leva uma surra e sai de casa.

A paciente, hoje adulta, chega à terapia com a demanda de: "não quero mais ser assim, explosiva, intolerante, quero ser diferente". Conta que sempre foi assim

mesmo, mas que ultimamente quando “explode sente uma coisa ruim”. A “coisa” a qual não consegue nomear pode ser a palavra inscrita pelo Outro sobre ela, palavra na qual se fixou, e ela gozou desse lugar, mas agora ser como o Outro a definiu já não é mais suficiente e por isso busca a análise.

Trago também o caso de um jovem adulto que conta que não sentiu fome até os 8 anos pois a mãe literalmente “enfiava a comida em sua boca” tanto que não dava tempo de sentir fome, o jovem define a mãe como uma mãe que sufocava, que punia e que exigia perfeição e que conseguiu se desvincular disso na adolescência quando teve alguns rompantes de “rebeldia” e parou de dar satisfação a ela. Porém hoje na vida adulta continua respondendo à demanda dessa mãe ao tentar ser perfeito e sem falta em todos os âmbitos de sua vida (trabalho, relacionamento, exercício físico) tanto que vem à terapia por demanda da namorada, ou seja, do Outro.

Somado a esse caso tenho ouvido um outro jovem que chegando aos 30 anos ainda não consegue escolher por si mesmo, como ele mesmo afirma, fala sobre sua infância, relata a respeito de uma mãe que não o deixava escolher nada, desde pequenas decisões como suas roupas ou com o que brincar, até decisões maiores como escola, graduação e afins, apesar de ter conseguido se casar e escolher outras graduações após o afastamento físico de sua mãe, hoje relata uma frustração após tantas mudanças de curso e emprego e também chega à terapia a pedido de sua esposa.

Os recortes retratam histórias de crianças objetificadas que responderam aos significantes vindos de representações do Outro e gozaram através desse lugar. É possível afirmar que a constituição do eu deixa restos desses outros e o desafio é descobrir o que fazer com esse resto para deixar de responder demandas e responder ao desejo.

É preciso então que os responsáveis pela criança estejam dispostos a possibilitar que a mesma se torne um sujeito desejante e para que isso seja possível não apenas bombardear os filhos com demandas e negociar para que sejam atendidas, pois quando a criança não consegue lidar com essas demandas e nem negá-las através da linguagem é possível que sua saída seja através do sintoma, agressividade, indisciplina, adoecimento, imaturidade etc., todos atos desesperados para ter atenção e reconhecimento de si mesma. Quando a criança não tem espaço para se constituir como sujeito, e através da suposição de desejo do Outro sobre

ela, escolhe responder do lugar de objeto e são as consequências dessa escolha que serão levadas para adolescência e vida adulta.

De qualquer modo, é possível afirmar que o corpo é fundado pela linguagem do Outro, um corpo que goza através de um significante dado por esse Outro, e que uma angústia enorme pode se instalar no sujeito devido à tentativa de responder a esse Outro. E a análise pode ser uma possibilidade do sujeito se desvincular do significante dado pelo Outro para dar lugar ao desejo, não respondendo mais a algo que não é, de fato, seu. Ou seja, possibilita que o sujeito responda então de seu lugar através da introdução/reafirmção da metáfora paterna.

Então, viver, para psicanálise, talvez seja sobre o grande dilema, por muitas vezes inconsciente, de responder ao discurso do Outro ou responder ao desejo, tarefa tão difícil que implica em perder muito desse lugar de gozo mas ganhar (talvez) uma vida com menos sofrimento, ou, pelo menos, *novas* angústias.

Marina Gonçalves Oliveira, percurso em psicanálise iniciado em 2015 através de conferências, seminários, aulas e grupos de estudo. Baseia a formação no tripé (estudo teórico, análise pessoal e supervisão). Já frequentou atividades da EBP-Delegação Paraná, Biblioteca Freudiana de Curitiba, Instituto ESPE - Ensino Superior em Psicologia e Educação e ACP – Associação Campinense de Psicanálise. Atualmente mantém sua participação em seminários, além de estudar o corpo e a psicanálise através do dispositivo do Cartel e participar de grupos de estudo. Oferece atendimento a adultos, adolescentes e crianças.

Referências:

DOLTO, Françoise. **Seminário de psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.